

## **Educação, sexualidades e diversidade na Alemanha do século XIX: um estudo a partir de Karl Heinrich Ulrich**

**Education, sexualities and diversity in 19th century Germany: a study based on Karl Heinrich Ulrich**

**Educación, sexualidades y diversidad en la Alemania del siglo XIX: un estudio basado en Karl Heinrich Ulrich**

Recebido: 01/05/2022 | Revisado: 09/05/2022 | Aceito: 13/05/2022 | Publicado: 17/05/2022

### **Miguel Melo Ifadireó**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4497-4718>  
Universidade de Pernambuco, Brasil  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil  
E-mail: miguel.ifadireo@upe.br

### **Vanessa de Carvalho Nilo Bitu**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0688-1403>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: vanessanilobitu@gmail.com

### **Francisco Renato Silva Ferreira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>  
Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte, Brasil  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil  
E-mail: norf20@hotmail.com

### **Alyne Alencar Silva Novo Cuba**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8919-7975>  
Secretaria Municipal de Saúde de Juazeiro do Norte, Brasil  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil  
E-mail: lyninhaalencar@gmail.com

### **Marcus César de Borba Belmino**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1036-1024>  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil  
E-mail: marcuscezar@leaosampaio.edu.br

### **Resumo**

O estudo em tela ou em mãos objetiva contribuir com o preenchimento de lacunas sobre a historiografia da homossexualidade alemã, construindo novas perspectivas para os estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se em uma revisão de literatura de cunho histórico-descritivo sobre o tratamento das distintas formas de manifestação das (homo)sexualidades através de Karl Heinrich Ulrichs. Considera-se que os estudos de Ulrich sobre a condição do sujeito "Urning" (homossexual) foram responsáveis pela mudança de paradigma do movimento LSBTI, contrapondo-se as concepções científicas hegemônicas que viam a prática da homossexualidade como "sodomia", vício adquirido, aberração, anormalidade e pecado.

**Palavras-chave:** Ensino; Sexualidade contrária; Ativismo LSBTI+; Karl Heinrich Ulrichs; Uranistas; Educação e diversidade.

### **Abstract**

The study on canvas or in hand aims to contribute to filling gaps in the historiography of German homosexuality, building new perspectives for studies on gender and sexuality in Brazil. Methodologically, the study is based on a historical-descriptive literature review on the treatment of different forms of manifestation of (homo)sexualities through Karl Heinrich Ulrichs. It is considered that Ulrich's studies on the condition of the subject "Urning" (homosexual) were responsible for the paradigm shift of the LSBTI movement, opposing the hegemonic scientific conceptions that saw the practice of homosexuality as "sodomy", an acquired addiction, aberration, abnormality and sin.

**Keywords:** Teaching; Contrary sexuality; LSBTI+ activism; Karl Heinrich Ulrichs; Uranists; Education and diversity.

### **Resumen**

El estudio sobre lienzo o en mano pretende contribuir a llenar vacíos en la historiografía de la homosexualidad alemana, construyendo nuevas perspectivas para los estudios sobre género y sexualidad en Brasil. Metodológicamente, el estudio se basa en una revisión bibliográfica histórico-descriptiva sobre el tratamiento de las

diferentes formas de manifestación de las (homo)sexualidades a través de Karl Heirich Ulrichs. Se considera que los estudios de Ulrich sobre la condición del sujeto "Urning" (homosexual) fueron los responsables del cambio de paradigma del movimiento LSBTI, contraponiéndose a las concepciones científicas hegemónicas que veían la práctica de la homosexualidad como "sodomía", una adicción adquirida, una aberración, anormalidad y pecado.

**Palabras clave:** Enseñanza; Sexualidad contraria; Activismo LSBTI+; Karl Heinrich Ulrichs; Uranistas; Educación y diversidad.

## 1. Introdução

O historiador Thomas Walter Laqueur (2001) em sua obra "Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud" asseveram que a dicotomia dos gêneros, do homem macho e da mulher fêmea, é resultado do período do iluminista que marcou a transição pelo fim da idade média e os primeiros séculos da idade moderna. Por conseguinte, o historiador acrescenta que as historiografias sobre a vida cotidiana de sujeitos com sexualidades não hegemônicas em cenários europeus da idade moderna, privilegiam muito mais as "masculinidades masculinas" e as "homossexualidades masculinas", uma vez que estas ao vivenciarem o amor enquanto pessoas do mesmo sexo sofreram não apenas "[...] consequências diretas sociais, políticas e jurídicas por perseguição e por penalização" (Laqueur, 2001, p. 69).

A sodomia era vista como uma ação que tinha como sujeitos ativos, homens que amam ou faziam outros homens. Por isso, os pioneiros estudos historiográficos se debruçavam mais com as penas hostis e incriminadoras de homossexuais masculinos, do que com homossexuais femininos ("mulheres lésbicas"), apesar destes também sofrerem represálias. A homossexualidade na Inglaterra da renascença aponta que o direito canônico ainda legitimava, desde o século XII até o XVI, a criminalização da sodomia como pecado e ofensa ao direito vigente, a moralidade pública e a fé cristã, determinando punições severas e desumanas (Laqueur, 2001).

A este respeito, encontramos na historiografia LSBTI de língua alemã: Bernd-Ulrich Hergemöller (2013), Jörg Hutter (2000), Claudia Schoopmann (1998) e Helmut Blazek (1996); quanto na inglesa: Claude Summers (2013), Jeffrey Weeks (2011), Jonathan Katz (2007), David Greenberg (2008) e Alan Bray (1995), entre outros, estudam as condutas e comportamentos sexuais não hegemônicos e as categorias históricas que os definiam como "Crimes de Sodomia". Ao mesmo tempo, destaca-se o florescimento de "subculturas sodomíticas" (Hutter, 2000, p. 144) em alguns centros urbanos europeus, com fortes indícios de práticas sexuais voltadas não apenas para o mesmo sexo já em meados do século XVIII. Aponta-se que as "práticas de sodomia" eram punidas tanto na Inglaterra, quanto nos estados de língua alemã (Hergemöller, 2002).

Por conseguinte, os pesquisadores compreendem que há uma mudança de paradigmas em relação ao moderno modelo de (homos)sexualidades, para o modelo estruturado por gênero, somente se daria nas grandes cidades da Europa nos últimos séculos do período moderno na segunda metade do século XIX. Importante ressaltar que os estudos de Hutter (2000) e Bray (1995) são fundamentados em pesquisas documentais (jornais, arquivos públicos, casos jurídicos), entrevistas e revisões de literatura com foco na historiografia social, literária, filosófica e jurídica (sentenças jurídicas) oriundos dos séculos XVI, XVII e XVIII.

## 2. Metodologia

O presente estudo, em tela ou em mãos, é atravessado por diversos itinerários de investigação e formação dos pesquisadores. A gênese do estudo surge na Alemanha, quando um de seus pesquisadores realiza estudos na Universidade de Hamburgo entre os anos de 2015 e 2016, buscando estudos prévios fundamentassem o seu estudo: "Violações dos Direitos Humanos através dos Crimes de Ódio: uma análise da violência homofóbica no Brasil". O pesquisador se debruçou sobre obras clássicas em língua alemã, inglesa e francesa que tratassem da diversidade em relação às sexualidades humanas em tempos que antecederam ao nacional socialismo do Terceiro Reinado Alemão.

Desta forma, destaca-se que esta revisão bibliográfica se orientou para promover uma abordagem qualitativa - com a adoção de métodos de procedimentos descritivo-dedutivos a partir da análise histórico-social em torno das epistemologias e estudos prévios sobre as sexualidades humanas na língua, predominantemente, alemã. Assim, percebemos a impossibilidade de se trabalhar com um método único e optamos por fazer primeiramente uma revisão de literatura, e posteriormente, a partir da construção de análises comparativas entre as categorias teóricas e discursivas que conectassem os estudos das sexualidades dos pioneiros estudiosos alemães com os contemporâneos estudos sob o foco da educação sexual e da diversidade.

O levantamento de dados através da revisão de literatura se deu entre os meses de março de 2015 e abril de 2016. Primeiramente, se foi feito uma análise em oitenta (80) livros publicados no século XIX; vinte (20) livros das primeiras décadas do século XX e, por fim, dez (10) livros divulgados no XXI, desde que estes se remetessem ao século XIX, foco da investigação<sup>1</sup>. E posteriormente, complementamos a nossa investigação, verificando os cadastros pertinentes ao assunto junto a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e a plataforma eletrônica de Periódicos CAPES, a partir de palavras-chave “uranistas”, “sexualidades em Karl Heinrich Ulrichs”, “masculinidades masculinas” e as “homossexualidades masculinas”, e “sexualidade contrária” e “terceiro sexo”.

Assim, apropria-se de autores como Karl Heinrich Ulrichs (1898), Karl Maria Kertbeny (2000), Johann Ludwig Casper (1852), Richard von Krafft-Ebing (1877), Magnus Hirschfeld (1920; 1914; 1910), estando perceptível que estes autores eram e ainda são pouco conhecidos e discutidos no Brasil. Tal percepção se torna mais consolidada observamos que os pioneiros alemães dos estudos da homossexualidade publicizados em língua alemã são quase que desconhecidos, quando comparados a outras produções em línguas estrangeiras.

Como mencionado, os estudos em língua alemã não eram contemplados nesses estudos desenvolvidos, por mais que observássemos o curso histórico da homossexualidade, utilizamos produções teóricas traduzidas para o português, em especial a americana e a europeia. Com base nessa percepção, buscamos organizar estudos de cunho histórico que contemplassem de modo mais aprofundado teóricos alemães pioneiros dos estudos da homossexualidade.

Diante desse contexto, o presente estudo busca contribuir com o preenchimento de lacunas sobre a historiografia da homossexualidade alemã, explorando os estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se em uma revisão de literatura de cunho histórico-descritivo. Em relação à revisão de literatura que fundamentam teoricamente o estudo, destacam-se além dos trabalhos Ulrichs (1869; 1868; 1865;1864), os estudos sobre Ulrichs de novos teóricos, tais como: RüdigerLautmann (2012; 1994; 1992; 1984; 1977) e Bernd-Ulrich Hergemöller (2013; 2002; 2000; 1999) entre outros com semelhante reconhecimento pelos pares.

No que tange a relevância da pesquisa, acentua-se a partir de distintos fatores e problemas interdisciplinares, quando destaca-se que a educação e a diversidade, por um lado, fundamentam fatores histórico-sócio-jurídico e criminológicos que são, frequentemente, desvalorizados pelas distintas ciências do conhecimento humano, ciências sociais (humanas), sociais aplicadas (jurídicas) e da natureza (médicas), uma vez que estas passavam a ser coagidas a se debruçarem intensamente com a questão problema das “sexualidades” e/ou “comportamentos sexuais” da Alemanha do pós-guerra e do holocausto judeu, holocausto cigano, holocausto de cunho político (comunistas) e holocausto eugênico (crianças com alguma deficiência física), não dando muita ênfase e visibilidade ao processos sociais que antecederam ao próprio holocausto motivado pela LSBTI<sup>2</sup>fobia.

A sigla LSBTI<sup>2</sup> em alemão é direcionada ao “schwuler Mann “(homem gay), a “lesbische Frau“ (mulher lésbica), ao “transsexueller Mann“ (homem transsexual), a “transsexuelle Frau“ (mulher transsexual), a “Transvestit“ (travesti), “intersexuelle“ (intersexual) e aos “bisexuelle Männer und Frauen“ (homens e mulheres bissexuais) (Hergemöller, 2013).

---

<sup>1</sup> Neste sentido, é válido destacar que a revisão sistemática de literatura não permitiu que fossem trazidas fontes atualizadas, em virtude que a grande maioria das referências consultadas em língua alemã e em língua inglesa trazem estudos oriundos do século XIX e XX. Deu-se prioridade a obras de publicação, datadas em sua grande maioria a segunda metade do século XX e primeiras décadas do século XXI.

<sup>2</sup> Para manter a coerência com a literatura alemã, utilizaremos no texto a sigla LSBTI para designar o movimento dado os termos alemães explicitados a seguir, e não a sigla LGBTI tal como é utilizado em português.

Portanto, diante das questões expostas, o objetivo do estudo é analisar a sociogênese e a sociopoética das sexualidades não hegemônicas de forma específica, bem como verificar como se dava o tratamento das distintas formas de manifestação das (homo)sexualidades por Karl Heirich Ulrichs. Destaca-se que serão utilizados os termos na língua alemã para que não se perca o contexto original.

### 3. A Transformação e dos Discursos em Torno das Sexualidades na Idade Moderna

Neste contexto, conforme Henning Bech (1998) observa-se que as ciências – humanas, sociais e sociais aplicadas e biomédicas – em torno da homossexualidade e da identidade homossexual. Séculos seguintes, essas discussões tomariam o corpus científico com a proliferação dos estudos referentes ao gênero, feminismo, masculinidades e a teoria *queer*, entre outras questões referentes à problemática do gênero (identidade de gênero) e suas performances. Importante destacar que a categoria “identidade homossexual ou identidades homossexuais” – incluiria além do homem e mulher homossexual, também o indivíduo travesti e transexual” (IBID., p. 25), visto que o que se acreditava pelo espírito da época na Alemanha (estados de língua alemã) era que o termo “homossexualidades incluiria o modo de ‘existência do ser-homossexual’, ou seja, seus humores, tristezas, alegrias, festejos, símbolos, regras de conduta e expressão, sonhos, anseios e formas de sociabilização” (IBID., p. 26).

Berd-Ulrich Hergemöller (2000), diferentemente das experiências e estudos de pesquisadores ingleses americanos, franceses e holandeses, os quais iniciaram e determinaram suas pesquisas orientadas para a sexualidade masculina/feminina do homem e a sexualidade feminina/masculina da mulher. Isso proporciona o predomínio científico destes pesquisadores no cenário político-acadêmico mundial. Neste cenário, ao observar as conexões entre os estudos de pesquisadores alemães com a sexualidade no período da modernidade iluminista, percebe-se que a produção alemã não consegue acompanhar a tendência destes outros estados nacionais, tendo em vista que Hergemöller (1999) já apontava alguns problemas advindos de uma conotação categórica generalista emergiram, pois o termo “homossexualidades” poderia evidenciar reflexões restritivas que dessem visibilidade apenas ao “homossexual masculino” em detrimento da “homossexual feminina” lésbica.

Assim, corroborando com a manutenção e primazia do estímulo sexual orientado apenas para a sexualidade do homem com um outro homem e, em momento algum, refutaria o estímulo afetivo-sexual de mulheres lésbicas, tendo em vista que a generalização do termo não produziria uma simbiótica derivação do outro termo. Por sua vez, acentuam Hanna Hacker e Manfred Lang (1986) que as investigações científicas em torno da diversidade sexual existente na vida cotidiana de sujeitos LSBTI no século XIX e inícios do século XX, são incomparavelmente diferentes do que se vem sendo produzido e estudado na contemporaneidade.

Não se tem como questionar ou refutar: a construção do termo “homossexualidades” foi histórica e condizente com o que se pensava na época, da mesma forma que existiram outros termos e categorias de identidade de sujeitos LSBTI – sodomitas, pederastas uranistas, libertinos entre outras denominações - que caíram em desuso, fazendo parte da historiografia LSBT. Assim, se torna importante compreender o processo, desalinhando-o das contemporâneas abordagens teóricas desconstrutivistas e pós-modernas das ciências na contemporaneidade, as quais foram influenciadas por este processo prévio, que foi determinante das diferentes perspectivas e antagônicas realidades, tais como os discursos de gênero, as identidades de gênero e as orientações sexuais não hegemônicas (Hergemöller, 1999).

Segundo Gertrud Lerhner (1997) por um lado, as mulheres “lésbicas” sofrem um duplo processo de vitimização, uma enquanto vítima-objeto de uma estrutura social fundamentada na cultura do “falo”, dominada por homens e caracterizadoras de uma simbologia responsável pela propagação da autoimagem de uma mulher que ambiciona ser uma mulher-macho; por outro lado, visualiza que a estrutura de submissão de mulheres, contribuiu com o silêncio e/ou baixo nível de visibilidade da perseguição e violação aos direitos vivenciados por estas durante os processos criminais, motivados pela homossexualidade

feminina. Todavia, conforme Jörg Hutter (1992), nas investigações sobre o sexo e as sexualidades na Alemanha dos séculos XVIII, XIX e XX. Principalmente, porque os cientistas da resistência de outrora trataram com a mesma seriedade, os sentimentos e as preferências sexuais de mulheres, como trataram os dos homens.

A este respeito, acentua Andrea Maihofer (1995) que não houve negligência na historiografia das homossexualidades ao longo dos anos, visto que no caso em tela em específico, comprova-se que a formação do pluralismo também procura corresponder à autocompreensão e à auto experiência das mulheres amantes de mulheres. Pois, estas mulheres lésbicas foram “englobadas” dentro da categoria plural a partir de critérios estabelecidos pela ciência da época. Os pioneiros e poucos estudos eram direcionados para imporem-se na transversalidade das normas e da ciência que coagia, perseguia, criminalizava e excluía as identidades LSBTI de seus estudos investigativos, quando se negavam a compreender cientificamente as auto experiências e as autoimagens dos “homens e mulheres homossexuais” como sujeitos de direitos.

Acrescenta-se que o pluralismo que alicerça ideologicamente o termo “Homossexualidades” também contribui com o sublinhar e evolução da pesquisa e investigações – sociológicas, antropológicas, jurídicas, pedagógicas, psicológicas entre outras ciências – da pós-modernidade, a qual vem se destacando pela desconstrução das noções absolutistas, genéricas ou dicotômicas em torno das sexualidades. Assim, entende-se que a negação a concepção diacrônica unificada da história da sexualidade, vem ganhando espaço e deslocando-se em novas abordagens teóricas que rompem com as diferenciações regulares e cronológicas e suas conceptualizações e construções.

Finalmente, corroborando com estas reflexões, vamos encontramos em Michel Foucault (2020a; 2020b; 2020c; 2020d), Jeffrey Weeks (2011), Randolph Trumbach (1992) e Mary McIntosh (2015; 1968) dentre outros estudiosos da historiografia LSBTI, subsídios que vêm a dar sustentabilidade a estes argumentos. Destaca-se que estes estudiosos chegaram a semelhantes contextualizações em relação à mudança de significados nas categorias simbólicas que pioneiramente (des)qualificavam os sujeitos LSBTI, e que posteriormente, contribuíram com a emancipação e agregação de valores subjetivos em torno das sexualidades ou performances de gênero não hegemônicas, as quais culminaram nas pós-modernas identidades libertárias do século XXI.

#### **4. A Trajetória de Vida de Karl Heinrich Ulrichs e sua Pioneira Abordagem da Homossexualidade**

Karl Heinrich Ulrichs nasceu em 25 de agosto de 1825 em Westerfall – na região da Frísia do reino de Hannover - no seio de uma família luterana<sup>3</sup>. A este respeito Andrea Maihofer (1995) atesta que após a morte de seu pai em 1835 - servidor do Rei de Hannover -, mudou-se com a sua mãe para a cidade de Burgerdorf, quando em 1844 inicia seus estudos de Teologia em Göttingen, e de 1846 a 1848 finaliza seus estudos em Direito em Berlin, sendo aprovado no mesmo ano com louvor no Exame Público Estatal da Câmara dos Advogados da Cidade-Estado de Berlin. Retorna em seguida, após aprovação no exame público, para o Reino de Hannover. Ainda em 1848 Karl Ulrich, seguindo os passos de seu pai, inicia na carreira de servidor público – assessor jurídico – na comarca de Hildesheim da Corte Real, exercendo-a até 1857, quando a sua atividade política e acadêmica de estudioso e militante homossexual é tornada pública, cansando-lhe a partir de então grande tensão na sua vida profissional e na interação com os seus superiores (Feddersen, 2014).

De acordo com Heinz Hacker e Michel Lang (1986), neste contexto de perseguição e de exoneração por causa de sua orientação sexual, Karl Ulrich finda não apenas por ser exonerado do serviço público, mas a homofobia praticada na violência institucional do Estado, principalmente, após a morte de sua mãe em 1856, ele resolve romper e assumir-se em seus círculos sociais e profissionais. Entre os anos de 1858 a 1860, passa a fazer trabalhos alternativos como tradutor, crítico literário e

---

<sup>3</sup>Neste contexto histórico, o movimento LSBTI mundial comemorará em 25 de agosto de 2022, às 12 horas no cemitério municipal de L'Aquila (Itália) a celebração em memória de seu 197 aniversário.

escritor para a Sociedade e Liga Literária Germânica, saindo em viagens por distintas cidades alemãs (Colônia, Mainz, Stuttgart, Leipzig, Hamburgo e Berlin) e europeias (Bruxelas, Zurique, Mônaco, Graz, Viena e Praga).

Acreditando ter encontrado seu caminho e fazendo o que gostava começa a publicar pequenos escritos e ensaios sobre as naturalidade e normalidade das invertidas e contrárias formas da sexualidade. Fato este que fez com que a perseguição e moralidade recaísse sobre suas obras, vindo a ser em finais de 1860 expulso e demitido da Sociedade e Liga Literária Germânica. Já em 1861 Ulrichs é convidado por um amigo, editor-chefe do renomado jornal alemão “Allgemeine Zeitung Augsburg” (Jornal de Augsburg), a trabalhar como jornalista (Hergemöller, 2013).

Devido as suas dívidas e compromissos assumidos, Ulrichs aceita a oferta de trabalho e se muda para Frankfurt, iniciando a nova atividade, muito embora no acordo profissional de trabalho, tenha sido vedada ao jornalista a proposição de matérias que tratassem da temática da sexualidade. Concomitantemente surge a oportunidade de ser consultor jurídico da Confederação Alemã do Comércio de Frankfurt, aliando-se ao exercício de jornalista. O trabalho de jornalista tornava-se frustrante, principalmente diante dos impedimentos de seu contrato de trabalho, quando Ulrich resolve abandonar a monotonia da carreira jornalista e dos artigos que tinha que produzir no ano de 1862. Ele veio a acontecer com o exercício de consultoria junto à Confederação Alemã do Comércio de Frankfurt, quando ele pede desligamento em meados de 1863, pois precisava voltar a ser quem era, um “Uraniano” que necessitava ajudar a outros, a partir de suas produções e publicações (Bruns, 2011).

Karl Ulrich inicia a sua vida acadêmica, primeiramente traduzindo obras de francês, inglês e latim de diversos autores. A necessidade de pesquisar sobre a temática da sexualidade invertida e contrária acende no ano de 1864 quando ele escreve Vier Briefe (1998h) – “Quatro cartas” –, oportunidade este que confessa para a sua família - após morte de sua mãe -, a sua inclinação e desejo sexual para o mesmo sexo. Logo, após publicar “Quatro Cartas”, ele apresenta mais dois títulos: Vindex (1998e) – “O Defensor” - e Inclusa (1998d) – “O Incluído”. Não se pode negar que estas três obras marcam o início da teoria das homossexualidades em língua alemã, visto que estas marcam o pioneirismo do positivo tratamento e da empoderada representação social de sujeitos que praticam o “amor”, o “erótico” e o “sexo” entre iguais.

No ano seguinte, escreve mais duas obras: Vidicta (1998f) – “A Barra da Liberdade” - e Formatrix (1998b) – “A Natureza”. Neste mesmo ano, mais especificamente em 26 de maio de 1864, seus livros são confiscados e proibidos de serem comercializados pela polícia saxônica. Karl Ulrichs não se amedronta e reage, quando no ano seguinte, invés de se esconder e silenciar diante das ações impetradas pela polícia, publica Argonauticus (1998a) “Refúgio da Esperança” em Burgdorf.

Interessante frisar que mesmo tendo sido exonerado do serviço público pela tradição e conservadorismo homofóbico, ele permanecia defendendo o Rei de Hannover em seus escritos. Motivo este que levou a sua prisão de 1866 a 1867, não apenas pelo conjunto de suas obras, mas pela defesa do Rei diante da invasão do exército prussiano em 1866 em terras saxônicas. Até que por intervenção política do rei de Hannover, Karl Ulrichs é posto em liberdade em 04 de julho de 1867 (Hergemöller, 2013).

A este respeito Henning Bech (1998) aponta que a sua temperança, fortaleza e militância pela igualdade e empoderamento LGBTI era algo incalculável e encorajador que veio a influenciar outros militantes LGBTI durante a Ditadura do Nacional Socialismo do III Reinado. Assim, após sua soltura, ele viaja para Würzburg e de lá vai para Munique, para a Conferência da Câmara dos Advogados da Baviera, que ocorreu entre os dias 27 e 29 de agosto de 1867. Defende os direitos e garantias dos sujeitos “Uranianos” ao promover sob “vaías e gritos ameaçadores à sua integridade física” - diante de mais de 500 colegas advogados - uma crítica e criteriosa fala sobre a necessidade de se reformar as Leis Germânicas (Bruns, 2011). Leis estas que criminalizavam as formas de sexualidade que fugiam ao padrão de normalidade, reprodução e naturalidade:

Até a minha morte eu vou me posicionar. Para a glória contarei a Munique que encontrei em 29 de agosto de 1867. Eu tomado de coragem enfrentarei mil anos, muitos e muitos milhares de homens como vocês. Não me envergonho, nem eu, tampouco meus companheiros Uraning [homens homossexuais], os quais assim como eu, somos naturais, não

somos criminosos, pecadores ou doentes. Vivemos respirando o veneno recheado de veneno jogado por vocês a muito tempo. Levando muitos de nós a cometer o suicídio, por termos acreditado que somos doentes e envenenados pela infelicidade que vocês nos proporcionaram. Sou um homem Urning [homossexual] e me orgulho sim. Estou orgulhoso por ter encontrado forças para colocar a diante de vocês o desprezo público que vós tendes. [...]. este é só o primeiro solavanco, de muitos que virão [...] (Feddersen, 2014, s/p).

Assim, conforme Bernd-Ulrich Hergemöller (2013; 2002), após esta experiência em Munique, Klaus Ulrich retorna para Würzburg e sentindo-se injustiçado perante seus colegas de profissão, retoma seus estudos e publica no ano seguinte, nos escritos, a saber: Furens Gladius (1998c) “A Espada Selvagem” e Vindex Memnon (1998e) “Sujeito Solitário do Deserto”. Entre os anos de 1868 e 1870 decide por abandonar o pseudônimo “Numantus”, passando ele mesmo a assinar as publicações seguintes: Incubus(Opressão), Argonauticus (A Busca da Justiça), Prometheus (O Criador de Uranier) e Araxes (Rio destruidor de Barreiras), até que em 1879 escreve seu último livro intitulado Flechas Críticas (Pensamentos sobre o amor entre homens) (Ulrich, 2000).

Posteriormente, cansado de tanto lutar em seu país de origem, entrega-se ao autoexílio, indo por vontade própria refugiar-se na Itália – residindo, primeiramente, entre as cidades de Florença, Roma e Nápoles – até decidir-se, finalmente, em junho de 1883 pela pequena cidade de L’Aquila, residindo lá, até a sua morte (Kennedy, 1997).

## 5. Educação, Diversidade e Memória - o Reconhecimento do Legado *pós-mortem* de Karl Ulrichs

Estudos prévios ressaltam - Zilá Bernd (2013), Maurice Halbwachs (1990) e Michael Pollak (1989) entre outros - a grande dificuldade em se promover uma investigação social ou historiográfica que se fundamente na memória, visto que a “força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos” (Pollak, p. 3) não tão fácil de ser retratada. Por um lado, ficou perceptível a existência de lacunas e divergências nas referências históricas das biografias encontradas sobre Karl Heinrich Ulrichs, como o seu local de nascimento, a sua função enquanto servidor público, a sua demissão ou exoneração no serviço público, o período de seu coming-out (social e familiar); por outro lado, percebeu-se que estas divergências podem estar relacionadas ao próprio espírito da época, onde falar em sexualidade e sexualidade não normatizada, criminalizada e anormalizada era um tabu, que trazia “em si e per si” silêncio, depravação e polêmica social (Müller, 1991).

Assim, depois de apresentar estas peculiaridades próprias da investigação que se propõe a compreender a transversalidade do conhecimento que por muitos séculos se foi negado e esquecido. Destaca-se que foi na segunda metade do século XIX - mas especificadamente, a partir de 1860 – que emergiu no cenário acadêmico dos Estados de língua alemã, a inovadora teoria do advogado e teólogo luterano alemão Karl Heinrich Ulrichs (2000), o qual foi o primeiro a formular uma teoria científica da sexualidade não convencional ou da “sexualidade contrária”, tendo como foco principal os sujeitos “Urning e Uringin”<sup>4</sup>, de orientação sexual homossexual em contraposição aos sujeitos “Dioning” e “Dione”, de orientação sexual heterossexual (Lautmann, 1977).

A este respeito encontra-se em contemporâneos estudos das (homo)sexualidades – Martin Steinhäuser (2008), João Silvério Trevisan (2000), Rüdiger Lautmann e AngelaTäger (1992), Klaus Müller (1991), Hans-Georg Stümke (1989) e Jeffrey Weeks (2011) – o reconhecimento de que o ativismo LSBTI mundial deve muito aos escritos de Karl Ulrichs enquanto os primeiros escritos teórico-científicos sobre a sexualidade e as condutas de homens e mulheres homossexuais da modernidade. De modo que, somente a partir destes é que se pode falar em uma “primeira teoria científica da sexualidade que não valorizasse apenas a sexualidade ‘Dioning’” (heterossexual). (Müller, 1990, p. 100).

---

<sup>4</sup> Termo este que depois passará a ser chamado de homossexual masculino e feminino; até chegar ao contemporâneo *Schwul*(Gay) e *Lesbisch* (Lésbica), ou ate mesmo, a cotidiana pós-estruturalista denominação de *Queer*.

Importante ressaltar que os doze escritos de Ulrich – 1864 a 1879 – não buscavam a especulação teórica explicativa ou justificativa, diante das teorias essencialistas e naturalistas que dominavam o cenário teológico, acadêmico e jurídico. Elas [abordagens teóricas] eram acima de tudo eminentemente emancipatórias, visto que traziam a subjetividade do autor e a sua vivência cotidiana em uma sociedade que não enxergava no erótico entre homens a possibilidade de afeto, respeito, emoção e desejo (Kennedy, 1997).

Diante desta visão pioneira acrescenta-se que a sua condição enquanto sujeito “Urning” (homossexual) é reproduzida em sua argumentação e, essa mudança de paradigma foi à grande contribuição do conjunto de suas obras em intersecção conflitiva com as teorias anteriores e posteriores que viam a prática da homossexualidade “sodomia” (Foucault, 2020a) como um vício adquirido, uma aberração, uma anormalidade (Bei, 1986).

Destarte, desde suas primeiras publicações, a fundamentação teórica de suas reflexões partia em essência da crença na *Vénus Urania* da mitologia grega, que para Ulrichs era a deusa dos homossexuais (Lautmann, 1977). Assim ele foi fazendo uso da mitologia para categorizar as sexualidades humanas, fugindo assim, das categorias produzidas pelo padrão médico-jurídico das ciências que dominavam o cenário do conhecimento humano de sua época. Resignificam-se as novas categorias da sexualidade humana, a saber: a) “Urning” (homens homossexuais) e “Uringin” ou “Urinde” (mulheres homossexuais); b) “Uranodioni” (bissexuais) e c) “Hermafrodite” (mulheres e homens trans) (Kennedy, 1997). A inovação e a importância do autor destacam-se pela mudança de paradigmas e na força de sua motivação em lutar por direitos e garantias para os sujeitos não “Dioning” e, respectivamente, não “Dione”.

Fato este que faz com que ele tenha sido o primeiro - de posteriores correntes de pesquisadores e estudiosos da sexualidade humana - que acreditava plenamente que o “Urning/ Uringin ou Urinde” (Homossexuais masculinos e femininos) eram tão naturais quanto o “Dioning” e/ou a “Dione” (Heterossexuais masculinos e femininos), e que a fundamentação das teorias proferidas pela ciência biológica deveria acatar este princípio natural, e tratar os sujeitos homossexuais da mesma forma que tratava os heterossexuais (Feddersen, 2014).

Sua argumentação ia de encontro ao espírito da época, principalmente quando sua teoria das homossexualidades agregava a compreensão de que o “Urning” homossexual masculino teria uma “psique feminina” (do latim *anima muliebrivirilicorpore inclusa*). Ulrichs levava a explicação de que era inquestionável a “existência de uma psiquê feminina blindada por normas de conduta e de comportamento, advindas da moralidade de matriz judaico-cristã, que impedia a naturalidade de sua existência em um corpo masculino” (Ulrich, 1868, p. 27); um outro postulado que chama atenção na crítica leitura de Karl Ulrich, era a sua preocupação não apenas com a saúde mental de sujeitos homossexuais, mas também com a necessidade de entender a si próprio e aos seus impulsos sexuais pelo Outro do mesmo sexo que ele, seja através da lente do coletivo, seja através da observação do magnetismo da passividade sexual realizada por animais de outras espécies.

A partir da revisão de literatura, fichamentos realizados, leituras complementares e comentaristas e estudiosos germânicos e ingleses sobre o legado deixado por Karl Ulrichs é imprescindível asseverar que ele, jamais se esquivou em seus escritos da importância em se refletir que: a) a conduta sexual de “Dioning”, o “Urning” deveria ser sentida, compreendida e respeitada dentro de uma “mentalidade positiva” que o normalizasse; b) O Uranismo não deve ser visto como anormalidade, doença, pecado ou crime; c) o “Urning” deve exigir os mesmos direitos e garantias assegurados aos “Dioning”; d) A mudança nas Leis Anti-Uranistas só ocorrerá quando o Urning passar a não mais se esquivar e assumir-se em sociedade; e) o “Urning” e a “Uringin” devem lutar em conjunto com as Dione para que juntos tenham os mesmos direitos dos “Dioning”; f) criticava o posicionamento das Igrejas Cristãs (católicas e luteranas) em relação a perseguição e aceitação de cidadãos Uranistas; g) a partir de suas experiências e desvalorização familiar pleiteava pelo apoio e não rejeição da família a seus entes uranistas; h) Buscou ao longo de doze obras fazer frente teórica as predominantes abordagens médico-evolucionistas e essencialistas, as

quais foram terminantemente combatidas e rebatidas em suas obras que não aceitavam e refutavam a categorização de doença e imoralidade; e por fim, i) lutou pelo empoderamento e fortalecimento mental, moral e ético de seus pares Uranistas.

## 6. A Natureza dos Estímulos Sexuais “contrários” em Karl Ulrichs

A contemporânea concepção da categoria “homossexualidade” foi historicamente construída, uma vez que esta depende do próprio espírito da época no qual esta categoria se insere. Todavia, a sexualidade está atrelada de forma dicotômica com a categoria “heterossexualidade”, bem como com os termos “sexo”, “sexualidade” e “papéis sexuais” que foram construídos pelas ciências do conhecimento do mundo ocidental dos séculos XVIII, XIX e XX (Foucault, 1999).

Corroborando com esta perspectiva, David Greenberg (1988) aponta que as categorias “homossexualidade e heterossexualidade” nascem não apenas das evidências de diferenças anatômicas e fisiológicas existentes entre ambas, mas da política em torno da sexualidade que foi inserida neste campo de tensão que passou a legitimar os papéis sociais do homem/macho e da mulher/fêmea (Laqueur, 2001). É por isso que Jurandir Freire Costa (1995), seguindo esta perspectiva construtivista, acentua que uma é a face e o verso é a outra, ou seja, uma não pode existir sem a outra.

Dentro deste contexto, observa-se que estes pesquisadores citados vivenciaram uma conotação político-científica e jurídica do erotismo diferente das experiências da vida cotidiana que Ulrichs encontrou na Alemanha do século XIX. Não apenas isto, mas também, os alicerces teóricos, a interpretação religiosa da (i)moralidade, a não naturalidade e a concepção sociocultural em torno do desejo (atração e impulso) sexual do amor entre iguais, encontrada por Ulrichs, já acentua o “abismo” temporal e cultural que separam estes últimos do primeiro estudioso da homossexualidade, ou melhor, do “Urning” (Uranismo), uma categoria do sexo invertido (contrário) em refutação ao predominante, na época, conceito de pederastia - antinatural, perverso e libertino – que já substituía a categoria medieval do sodomita, como acentua Jurandir Costa (1995) ao analisar a historiografia do termo “homossexual” como uma sexualidade invertida.

Importante, neste diapasão histórico, salientar que as categorias “homossexual”, “heterossexual” e “monossexual” ainda não existiam - categorias estas pertencentes a um sistema de tipos da sexualidade humana - vindo a serem usadas pela primeira vez em uma carta aberta - escrita a punho pelo radicado em Berlin jornalista e advogado húngaro-alemão Karl Maria Kertbeny - direcionada ao Senhor Doutor Manfred-Otto Leonhardt (Ministro da Justiça da Prússia) no ano de 1869 (Endres, 2015).<sup>5</sup>

Nesta carta, Karl Kertbeny apresenta sérias críticas ao antigo parágrafo 143 da Lei Prussiana (posteriormente foi transformado no Código Penal da Prússia). Parágrafo este que não apenas tipificava como crime a prática da Uranismo à lá Karl Ulrich, bem como era uma grande ameaça e violação aos direitos do homem e aos direitos de personalidade dos indivíduos, pois, estes direitos faziam parte da esfera da vida privada dos cidadãos (Kertbeny & Herzer, 2000).

Em busca da compreensão dessa complexidade da homossexualidade observa-se tanto Karl Ulrich, quanto em Karl Kertbeny, muito embora, a preocupação de Ulrich com o desenvolvimento de uma teoria da homossexualidade vai muito além da proposta de Kertbeny. A preocupação de Ulrich se fundamentava na negativa aos pressupostos iluministas da época que impunham como regra da natureza a presunção de que os seres humanos nasceriam com órgãos sexuais masculinos ou femininos e que deste nascimento estaria condicionado à funcionalidade de sua condição e desempenho sexual atrelada à reprodução e proliferação da família.

A crítica que desconstruía este postulado, segundo Ulrich em *Glaudius Furens* “A espada selvagem” (1998c) estaria, em primeiro lugar, a observação da situação dos hermafroditas físicos que fugiam como exceção a esta regra da natureza; em segundo lugar, , existiam também outras pessoas que nasceriam com órgãos sexuais masculinos, porém, não se sentiam

---

<sup>5</sup>Nikolau Endres (1015) destaca que a linguagem jurídico-médica do cotidiano alemão em meados para finais do século XIX persistia no uso dos termos pederastia, sodomia e libertinagem para designarem o o amor, o desejo e o instituto sexual entre iguais.

sexualmente atraídos por mulheres, más por homens “Urining”. Por conseguinte, existiam pessoas normais que nasceriam com órgãos sexuais femininos, todavia, não se sentiriam atraídas por homens, mas por mulheres “Uringin”. A causa desta atração sexual seria condicionada ao que Ulrichs chamava de impulso sexual, o qual era determinante da direção e da orientação sexual no psiquê e no corpo destes sujeitos.

Esta questão foi posteriormente investigada por Jonathan Ned Katz (1995) que se debruçou em seu estudo sobre a historiografia da sexualidade humana com os estímulos sexuais (atração-sexual) pelo mesmo sexo. Corroborando com Karl Ulrichs, salienta a importância dos achados do pioneiro estudioso, visto que ainda no século XIX, estes foram determinantes para o atual estágio dos estudos da sexualidade humana. Da mesma forma, ele busca interpretar os argumentos de Ulrichs, quando apontava que a categoria da “Uringin”, apresentaria uma psiquê masculina predisposta a se sentir sexualmente atraída por mulheres femininas “Dione”.

Assim, a partir de Ulrichs percebe-se em Katz que as sexualidades humanas são ressignificadas e transformadas em sociedade, visto as sexualidades são objeto de um projeto civilizatório ao mesmo tempo histórico e cultural, sendo sua compreensão produzida, assimilada e adquirida em convívio com os pares. Observa-se que a heterossexualidade e a homossexualidade são construções sociais e ideológicas de um tempo.

## 7. Breves Notas Sobre o “Terceiro Sexo” e a “Sexualidade Contrária”

Ralf Bogen et al., (2010) ao estudarem a exclusão de pessoas e comunidades específicas em contextos de perseguição homossexual na era nazista do III Reinado deságuam, principalmente, nas teorias e estudos proferidos por Karl Heinrichs Ulrichs. Os autores apontam que dentre os propósitos de Ulrichs evidenciam-se duas tendências. A primeira destaca-se pela tentativa de se produzir um referencial teórico próprio capaz de fazer frente aos estudos “homofóbicos” da época, que criminalizavam, perseguiram e excluía os homossexuais “Urning”. Em segundo lugar, Bogen et al. (2010) acentuam que o espraiamento teórico de Ulrichs visava a edificação de uma consciência “comunitária” que unisse e aproximasse os “Urning” e as “Uringin”, bem como os “Hermafroditas” e os/as “Uranodioni” dentro de um mesmo propósito, ou seja, a criação de uma Liga Urning. Esta tentativa de se criar a liga seria fortalecida pela criação de um estatuto com tais propósitos: a) almejava retirar os indivíduos uranistas de seu lugar de isolamento (solidão, medo e exclusão) levado pela cultura da opinião pública dominante na sociedade (ciência, medicina e direito).

Com isso, seria possível: a) integrar os indivíduos dentro da própria liga e fazer pressão social para que esta liga fortalecida, visando de forma integrada lutar e conquistar por direitos nas mais distintas esferas da sociedade (Bogen et al., 2000); b) a liga deveria promover a visibilidade do cotidiano de exclusão e violência vivido por indivíduos uranistas, fornecendo acesso ao conhecimento sobre as novas descobertas em torno das sexualidades humanas<sup>6</sup>, pressionando os órgãos do Estado para a promoção e defesa dos direitos humanos de sujeitos Uranistas; c) fomentar o desenvolvimento de literatura exclusivamente uranista; e finalmente; d) agenciar publicações impressas a serem distribuídas gratuitamente ou por contribuições simbólicas para uranistas (Blazek, 1996; Bleuels, 1972).

De acordo com Karl Ulrichs *Setas Critische* “Pensamentos sobre o Amor entre Homens” (1998g), os “Urning” e as “Uringin” teriam em suas essências disposições corpo-alma movidas por um caráter hermafrodita. Esta constatação se daria em princípio da premissa de que a atração sexual existiria apenas da interrelação entre os pólos da feminilidade e masculinidade, e que, conseqüentemente, o uraniano deve ter uma alma feminina. A crítica que se faz a este postulado é que Ulrichs se fundamenta no paradigma “Dioning/ Dione” do indivíduo heterossexual, aceitando a sucessiva trajetória entre indivíduos “Dioning”, “Uranodioning” (bissexuais) e “Uranians”<sup>7</sup>. Uma questão positiva de sua obra é que ele atesta a existência

---

<sup>6</sup>Esta discussão é bem desenvolvida em *Vindicta* “A Barra da Liberdade” (1864) e *Memnin* “Sujeito Solitário” (1867)

<sup>7</sup> Este termo fazia referência tanto aos sujeitos homossexuais masculinos, quanto os femininos, termo semelhante a denominação homossexualidade.

dicotômica dos papéis e performances – ativos e passivos - entre sujeitos “Uranians”, bem como, ele acredita nos papéis sexuais e passividade entre indivíduos “Uranodioning” (bissexuais) (Kennedy, 1997).

Ulrich acentua que o desejo (impulso e atração) sexual pelo mesmo sexo seria decorrência de uma predisposição vital inata e não adquirida, negando qualquer possibilidade do meio influenciar o impulso sexual pelo mesmo sexo, uma vez que esta seria resultado de uma decisão moral, da psiquê e da correlação corpo-alma. Foram estes argumentos que levaram Karl Ulrichs a se tornar o grande mentor do Movimento LSBTI europeu do século XIX e da contemporaneidade, tendo em vista que ele lutou como poucos por toda a sua vida pela descriminalização e (des)patologização do terceiro sexo através da “naturalização” e “normalização” do indivíduo Uranista (Lautmann, 1977).

Ao estudar os seus escritos que teorizavam o terceiro sexo sob o foco da sexualidade contrária, se percebe que a teoria não conseguiu no contexto médico-jurídico em que estava inserida angariar defensores. Fator este que fez com que ela fosse refutada pelos homens da ciência de sua época. Muito embora, estes empecilhos não tenham impedido que os achados de Karl Ulrichs sobre a variedade de tipos sexuais e a estrita correlação entre o corpo, a psiquê, o desejo e a atração sexual pelo mesmo sexo viessem a ser estudados a posteriori - Klaus Müller (1934), Magnus Hirschfeld (1920; 1914; 1910), Richard Krafft-Ebing (1894; 1886; 1877), Karl Otto Westphal (1869) e Johann Casper (1852) dentre outros - de forma complementar (Kennedy, 1997).

Destaca-se que estes novos estudos permaneciam atentos na busca de entender os processos e determinantes biológicos que alicerçaram os fatores que incrementariam na contemporaneidade não apenas novas pesquisas não sobre o “terceiro sexo”, mas sobre a homossexualidade, a questão do gênero e das performances sexuais. (Kennedy, 1997). À luz dos doze escritos de Ulrichs é possível acentuar que o pioneiro estudioso da homossexualidade nunca se rendera, tampouco acatou as teses contrárias que buscavam determinar que o sentimento sexual-afetivo contrário partiria de uma insana psiquê fisiológica que seria responsável pela propagação de sintomas advindos de uma condição neuropática com resquícios de psicopatia de adoecimento mental (Rönn, 2012).

Nesse ínterim, acentua-se que a base teórico-científica deixada por Ulrichs foi fundamental para os movimentos sociais de defesa do ser-uranista que surgiram ao seu post-mortem. Nesse contexto, destaca-se que Ulrichs buscou não apenas promover e defender a integridade do homem uranista - igualdade de direitos -, mas também refutou até a sua morte os paradigmas da ciência médica de sua época, a qual buscava imputar ao indivíduo uranista, desde seu nascimento, o estigma da doença, da aberração sexual e do desvio patológico que padecia de distúrbios nervosos, mentais e sensoriais (Schoppmann, 1997; Lautmann, 1994).

## **8. A Legislação Alemã Anti-Uranista no Campo de Tensão entre Pedofilia e Sodomia a partir da Crítica de Karl Ulrichs**

Estudos prévios -Burkhard Jellonnek e Rüdiger Lautmann (2012), Harry Oosterhuis (2012), Hans-Joachim Mengel (2005), Claudia Schoppmann (1997), Till Bastian (1995), Rüdiger Lautmann (1994), Claus Mühfeld e Friedrich Schönweiss (1989), Angelika Ebbinghaus (1987) entre outras investigações - sob as perseguições e prisões de homens e mulheres homossexuais vivenciados por LSBTI, remetem-se a Karl Ulrichs como o mais importante expoente do ativismo-militante e do cientificismo acadêmico no século XIX.

O problema que aqui se coloca é o de exatamente destacar a origem destas interpretações, as quais foram responsáveis pela perseguição e tipificação criminal de condutas. A este respeito destaca Michel Pollak (1989) que “o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e de sua organização. Para que emergja nos discursos políticos um fundo de referência que possam constituir uma memória nacional” (IBID., p. 9). Assim, destaca-se neste contexto que foi originalmente no Estado da Prússia com a adesão ao artigo 143 no ano de 1851 que se foi edificada a primeira legislação penal

antissodomia (pederasta ou pedófila) que passou a assombrar o cotidiano da vida de Uranistas na Alemanha do século XIX. Muito embora tenha sido com o advento deste artigo [ 143/ 1851] no parágrafo 175 de 1871 que se majoraram as perseguições contra uranistas em uma esfera nunca antes ocorrida, visto que o § 175 passava a tipificar como crime toda e qualquer “[...] fornicação antinatural e sodomita cometida entre pessoas de sexo masculino ou entre pessoas com animais será punida com prisão de seis meses a quatro anos, bem como a proibição antecipada do exercício dos direitos civis de honra” (Hoffschildt, 2002, p. 48).

A referência de perseguição criminal no Império Alemão Prussiano do ano de 1871 fomentava a criminalização de atos e ações tipificados como crime e violação as leis da natureza, da moralidade e da religiosidade cristã. Essa prática sexual era vista como antinatural e sodomita pela pederastia e pedofilia através da fornicação entre homens adultos, passava a ser prescrita com a pena mínima de seis meses a um ano de prisão. Fato de grande relevância que marcou não apenas a vida cotidiana de Karl Ulrichs, bem como definiu a vida dos uranistas na Alemanha por 123 anos, desde sua aprovação em 15 de maio de 1871 até a sua revogação total em 11 de junho de 1994.

Segundo Rainer Hoffschildt (2002) e Hans-Georg Stümke (1989) o *Unzuchtsparagraphen 175* - parágrafo 175 da prostituição - teria punido cerca de 140.000 homens que foram drasticamente condenados sob as diferentes versões do parágrafo 175 entre os anos de 1871 a 1994. Por conseguinte, estes atos - condutas e comportamentos e desejos sexuais - realizados entre pessoas do sexo masculino passavam a ser equiparados a fornicação antinatural com animais, sendo assim, perseguidos, criminalizados e excluídos da sociedade, uma vez que o § 175: “A indecência antinatural que do sexo masculino entre pessoas do sexo ou pessoas comprometidas com animais serão punidas com a prisão; também pode ser imposta a perda de direitos civis” (Lautmann, 2012, p. 131). Destarte, o Código Penal do Império Alemão (R)StGB passou a estabelecer outros requisitos com respectivas consequências com foco em infrações penais, bem como os atos criminosos individuais e suas as sanções correspondentes. (Hutter 1992).

Nesse meio tempo, destacam-se as acirradas lutas contra as taxações e criminalizações advindas do parágrafo 175 do Código Penal do Império que estigmatizavam e promoviam a perseguição e a prisão de homens e mulheres que praticavam relações sexo-afetivas com pessoas do mesmo sexo. (Bastian, 1995). Um exemplo disso, foi dado com a confusão categórica entre as denominações pedofilia, pederastia, uranismo e sodomia que gerou tensão nos trabalhos de Karl Ulrichs, que buscavam educar e promover a inclusão de sujeitos uranistas na luta por seus direitos. (Feddersen, 2014; Bech, 1998). Salienta-se aqui que o seu legado político-histórico não foi apenas revolucionário, foi decisivo e significativo, visto que deixou em suas doze obras significativos estudos, posicionamentos políticos, reflexões teóricas e reavaliações jurídicas que abrilhantaram a luta pela conscientização da igualdade legal e social dos uranistas, pleiteando a uniformidade e equidade no tratamento direcionado pelo Império para com as relações advindas entre pessoas do mesmo sexo. (Bruns, 2011).

## 9. Considerações Finais

Ao término da presente revisão de literatura, seguido de uma análise historiográfica sobre a representação social do erótico, a perseguição e a vida cotidiana de uranistas na Alemanha do século XIX, pode-se considerar que os movimentos historiográficos são fundamentais para a compreensão das realidades contemporâneas, uma vez que a memória e a representação de um povo estão ligadas ao seu passado.

Passado este que de modo (in)consistente reorganiza as novas ações do presente, buscando assim evitar episódios pretéritos caíam no esquecimento da memória ao não serem devidamente abordados pelas ciências do conhecimento. Assim, sobre os processos de produção de corpos, de subjetivação e criminalização das sexualidades, e respectivamente, das (homo)sexualidades na Alemanha do século XIX pode-se considerar que:

1) Quando se fala de um “boom” investigativo sobre a historiografia das sexualidades, e respectivamente, das (homo)sexualidades encontramos o predomínio de estudos formais historiográficos em línguas internacionais, com forte predomínio de trabalhos histórico-sexuais nas línguas inglesa, francesa, holandesa e hispânica, principalmente, atreladas ao laço temporal do pós-guerra. Estudos estes que caracterizaram em grande parte o estado atual dos “Estudos *Queer*”, “Estudos de Gênero” ou “Estudos da Sexualidade”. Apesar de alguns pioneiros estudos encorajadores, por exemplo, no campo dos estudos das sexualidades a partir de pesquisas sobre o nacional socialismo, a historiografia de língua alemã está longe de ser absorvida, aceita e institucionalizada nos cenários acadêmicos brasileiros.

2) A produção científica de Karl Heinrich Ulrich é ainda pouco discutida no Brasil. Como apresentado, Ulrich apresenta contribuições e uma defesa de ordem sociocultural para com as sexualidades dissidentes em meados do século XIX., contrapondo-se as ideias de patologia em relação às pessoas “uranistas” que não se adequavam a um estilo de vida heterossexual. Tal discurso não nos é estranho em tempos contemporâneos. Destaca-se que os trabalhos de Ulrich foram resultados da sua experiência cotidiana e da representação social de indivíduos que não se percebiam e nem se viam enquanto sujeitos detentores de direitos, destacando a perseguição a identidades sexuais contrastantes a hegemônica heterossexualidade normalizada e naturalizada que determinava o erótico, a reprodução e a normatização em distintos e específicos contextos e perspectivas sociais, visto que os “uranistas” eram, dentro deste contexto cotidiano, confrontados com a autoimagem da perversão, anomalia e pecado, renegando assim, seus sentimentos e suas preferências sexuais.

3) A negação a defesa de um pluralismo sexual, bem como a recusa a produção de estudos e investigações que publicamente defendessem a autocompreensão e à auto experiência de uranistas eram taxativamente abolidos pelas ciências do conhecimento do século XIX. Assim, espraíram-se interpretações hermenêuticas à legislação que criminalizava as práticas uranistas. Estratégias legais e médicas foram sendo constituídas pelo Estado para impedir que os homossexuais e, as distintas formas de não heterossexualidades, pudessem ser utilizadas como fundamento de defesa dos direitos legais de homens e mulheres uranistas, bem como travestis, bissexuais, hermafroditas e intersexuais viessem a exercer suas “homossexualidades”.

4) A repressão e adequação do comportamento sexual deu-se de modo alargado, ou seja, toda a população LSBTI alemã teve sua vida sexual atingida, reprimida e moldada para negar a identidade uranista. Ideologia esta que veio no período do pós-guerra a servir de fundamento a plenitude da identidade heterossexual, visto que houve uma “obrigatoriedade” sexual para o aumento da natalidade, o que proporcionaria um alinhamento ideológico nazista.

5) Os debates teóricos e investigativos publicizados no século XIX demonstram a primazia do foco sobre a homossexualidade masculina em quase que total detrimento da homossexualidade feminina. Os estudos sobre a sexualidade de mulheres, o sexo e o gênero só tomariam força por volta de 1970 do século XX, na primeira fase dos estudos feministas, quando se buscava ressignificar o déficit historiográfico sobre as mulheres e os distintos nuances de sexualidade que visavam “redescobrir” os discursos sobre a mulher e sobre a mulher lésbica. No contexto sobre a historiografia do sexo e do gênero percebemos que o legado deixado por Karl Ulrich em torno do erótico, da vida cotidiana e da perseguição da mulher não heterossexual foi, no século XIX, quase que praticamente “inexplorado”.

6) Chega-se à conclusão de que o estudo em tela foi marcado por episódios de uma pesquisa exaustiva, resultado de desafios com uma literatura recheada por publicações antigas, predominantemente, do século XIX. Fatores estes que demonstram, à primeira vista, uma referência desatualizada, muito embora, na metodologia da pesquisa já se foi expresso claramente, que o presente estudo, se trata de uma revisão histórico-descritiva de literatura específica publicizadas nas línguas alemã e inglesa. Fato este que levou ao destaque de fontes não atualizadas, a saber, que estas referências consultadas destacaram estudos prévios e oriundos do século XIX e XX. Em consequência, ressalta-se que as obras de publicação são datadas em sua grande maioria da segunda metade do século XX e das duas primeiras décadas do século XXI, motivo que impossibilita a adesão à referências atuais, ou seja, dos últimos cinco anos, como se prática e costume na academia . Por fim,

acentua-se que o atual estágio da pesquisa deixa em aberto um leque de novas possibilidades de investigação, os quais poderão auxiliar em investigações futuros sobre a temática dos estudos de gênero e da sexualidade, a nível comparado entre distintos espíritos da época “Zeitgeist” que acompanham a história e a trajetória da humanidade.

## Referências

- Bastian, T. (1995). *Fuchtbare Ärzte und medizinischen Verbrechen im Dritten Reich*. München: Reinbeck Verlag.
- Bech, H. (1998). Homosexuelle Politik am fin de siècle. In: Ferdinand, Ursula; Pretzel, Andreas; Seeck, Andreas (Hg.): *Verqueere Wissenschaft?* Münster: LIT Verlag, 25-34.
- Bei, Neda. (1986). *Das Lila Wien um 1900. Zur Ästhetik der Homosexualitäten*. Wien: Promedia Verlag.
- Bernd, Zilá. Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Rio de Janeiro: Fino Traço Editora, 2013.
- Blazek, H. (1996). *Rosa Zeiten für rosa Liebe. Zur Geschichte der Homosexualität*. Frankfurt am Main: Fischer.
- Bleuels, H. P. (1972). *Das saubere Reich. Theorie und Praxis des sittlichen Lebens im Dritten Reich*, München. Bern: Scherz Verlag.
- Bray, A. (1995). *Homosexuality in Renaissance England*. New York: Columbia University Press.
- Bruns, M. (2011). *Vom Verbot zur Gleichberechtigung. Die Rechtsentwicklung zur Homosexualität und Transsexualität in Deutschland*. Berlin: Hirschfeld-Eddy-Stiftung.
- Casper, J. L. (1852). *Über Nothzucht und Päderastie und deren Ermittlung seitens des Gerichtsarztes*. Nacheigenen Beobachtungen: Vierteljahrsschrift für gerichtliche und öffentliche Medicin.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rocco.
- Costa, J. F. (1995). *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. Escuta.
- Endres, N & Kertbeny, KárolyMária (1824-1822). The Coinage and Dissemination of the Term. *Encyclopedia Copyright*, Berlin – Amsterdam: Gbtq, 2015. Disponível em: [http://www.gbtqarchive.com/ssh/kertbeny\\_km\\_S.pdf](http://www.gbtqarchive.com/ssh/kertbeny_km_S.pdf). Acesso em 15 de fevereiro de 2022.
- Fedderson, J. Vorkämpfer für Urninden und Urminge. In: *TAZ (Die Tageszeitung)* em 27.09.2014 (Online). [www.taz.de/!5032261/](http://www.taz.de/!5032261/)
- Foucault, M. (2020a). *História da sexualidade: a vontade de saber (vol. 1)*. Paz e Terra.
- Foucault, M. (2020b). *História da sexualidade: o uso dos prazeres (vol. 2)*. Paz e Terra.
- Foucault, M. (2020c). *História da sexualidade: o cuidado de si (vol. 3)*. Paz e Terra.
- Foucault, M. (2020d). *História da sexualidade: as confissões da carne (vol. 4)*. Paz e Terra.
- Greenberg, D. F. (2008). *The construction of homosexuality*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- Hacker, H. & Lang, M. (1986). Jenseits der Geschlechter, zwischen ihnen. Homosexualitäten im Wien der Jahrhundertwende, S. 8-20. In: BEI, Neda. (Hrsg.). *Das Lila Wien um 1900. Zur Ästhetik der Homosexualitäten*. Wien: Promedia Verlag.
- Halbwachs, Maurice. *Memória Coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. Vértice, 1990.
- Hergemöller, B. U. (2013). *Die Homosexualität des Mannes und des Weibes (Klassiker der Sexualwissenschaft 1, German Edition)*, Hamburg: Männerschwarm Skript Verlag.
- Hergemöller, B. U. (2002). *Sodom und Gomorra. Zur Alltagswirklichkeit und Verfolgung Homosexueller im Mittelalter*. Hamburg: Männerschwarm Skript Verlag.
- Hergemöller, B. U. (2000). *Mann für Mann*. Biographisches Lexikon zur Geschichte von Freundes Liebe und mann-männlicher Sexualität im deutschen Sprachraum. Hamburg: Männerschwarm Skript Verlag.
- Hergemöller, B. U. (1999). *Einführung in die Historiographie der Homosexualitäten*. Hamburg: Männerschwarm Skript Verlag.
- Hirschfeld, M. (1920). *Die Homosexualität des Mannes und des Weibes*. Louis Marcus Verlag.
- Hirschfeld, M. (1910). *Die Tranvestiten*. Pulvermacher e Leipzig: Spohr.
- Hoffschildt, R. (2002). Verurteilungen homosexueller Handlungen zwischen Männer. In: Geschichte E. V (Hrsg.). *Invertito*. Hamburg: Männerschwarm Skript Verlag, 1871 – 1994.
- Hutter, J. (2000). *Ausgrenzung Macht Krank. Homosexuellenfeindschaft und HIV-Infektionen*, Westdeutscher Verlag.

- Hutter, J. (1992). *Die gesellschaftliche Kontrolle des homosexuellen Begehrens: Medizinischen Definitionen und juristische Sanktionen*. New York: Campus Verlag.
- Jellonnek, B.; Lautmann, R. (2012). *Nationalsozialistischer Terror gegen Homosexuelle - verdrängt und ungesüht*. Zürich: Ferdinand Schöningh Verlag.
- Katz, J. N. (2007). *The invention of heterosexuality*. Dutton.
- Kennedy, H. (1997). *Karl Heinrich Ulrichs First Theorist of Homosexuality*. Routledge.
- Kertbeny, K. M. & Herzer, M. (2000). *Schriften zur Homosexualitätsforschung*. Verlag Rosa Winkel.
- Krafft-Ebing, R. (1877). Übergewisse Anomalien des Geschlechtstriebes und die klinisch-forensische Verwertung der selben als eines wahrscheinlich functionellen Degenerationszeichens des centralen Nerven-Systems. *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*, 7(3), 291–312.
- Laqueur, T. W. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Relume-Dumará.
- Lautmann, R. (2012). *Nationalsozialistischer Terror gegen Homosexuelle*. Ferdinand Schöningh Verlag.
- Lautmann, R. (1994). *Die Lust am Kind: Portrait des Pädophilen*. Hamburg: Klein, 1994.
- Lautmann, R. & Täger, A. (1992). *Männer Lieber im alten Deutschland*. Berlin: Rosa Winkel Verlag.
- Lautmann, R. (1984). *Der Zwang zur Tugend: die gesellschaftliche Kontrolle der Sexualität*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Lautmann, R. (1977). *Das Seminar: Gesellschaft und Homosexualitäten*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Maihofer, A. (1995). *Geschlecht als Existenzweise: Macht, Moral, Recht und Geschlechterdifferenz*. Frankfurt am Main: Ulrike-Helmer V.
- McIntosh, M. & Michèle Barret (2015). *The Anti-Social Family*. University of London: Radical Thinkers Press.
- McIntosh, M. (1968). The Homosexual Role. In: *Social Problems*, 131-187. <https://doi.org/10.2307/800003>.
- Mengel, H. J. (2012). *Strafrechtliche Verfolgung homosexueller Handlungen in Deutschland nach 1945. Zur Rehabilitierung und Entschädigung der nach § 175 und 175a StGB wegen homosexueller Handlungen in der BRD und der DDR Verurteilten*. Berlin: Rosa Verlag.
- Mühfeld, C. & Schönweiss, F. (1989). *Nationalsozialistische Familienpolitik. Familiensoziologie Analyse der nationalsozialistischen Familienpolitik*. Stuttgart: Enke Verlag.
- Müller, K. (1991). *Aber in meinem Herzen spracheine Stimme so laut: Homosexuelle Autobiographien und medizinische Pathographien im neunzehnten Jahrhundert*. Berlin: Verlag Rosa Winkel.
- Oosterhuis, H. (2012). Medizin, Männerbund und die homosexuelle Verfolgung im Dritten Reich. In: Jellonnek, B. & Lautmann, R. (Hrsg.). *Nationalsozialistischer Terror gegen Homosexuelle. Verdrängt und ungesüht*. Zürich: Ferdinand Schöningh Verlag, p. 119-126.
- Pollak, M. (1989). Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. 2(3), <https://www.culturaegero.com.br/download/silencio.pdf>.
- Rönn, P. (2012). Das Homosexualitätskonzept des Psychiaters Hans Bürger-Prinz im Rahmen der NS-Verfolgungspolitik. In: Jellonnek, B. & Lautmann, R. (Hrsg.). *Nationalsozialistischer Terror gegen Homosexuelle. Verdrängt und ungesüht*. Zürich: Ferdinand Schöningh Verlag, 237-262.
- Schoppmann, C. (1998). *Nationalsozialistische Sexualpolitik und weibliche Homosexualität: Frauen in Geschichte und Gesellschaft*. Berlin: Centaurus.
- Steinhäuser, M. (2008). *Homosexualität als Schöpfungserfahrung*. Stuttgart: Quell Verlag.
- Stümke, H. G. (1989). *Homosexuelle in Deutschland: Eine politische Geschichte*. München: Beck Verlag.
- Summers, C. J. (2013). *Homosexuality in Renaissance and Enlightenment England: Literary Representations in Historical Context (Research on Homosexuality)*. Londres: Routledge Books.
- Trevisan, J. S. (2000). *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. (3a ed.), Record.
- Trumbach, R. (1992). Sodomitical Subcultures, Sodomitical Roles and the Gender Revolution of the Eighteen Century: the Recent Historiography. In: Dynes, W. R. & Donaldson, S. (Hg.). *History of Homosexuality in Europe and America*. London, 387-399.
- Ulrich, K. H. (2000). Autobiographische Zeugnisse, 35-43. In: SETZ, W. (Herg.). *Karl Heinrich Ulrich zu Ehren: Materialien zu Leben und Werk*. Berlin: Verlag Rosa Winkel.
- Ulrich, K. H. (1998a). Argonauticus: Zastrow und die Urning des Pietistischen, Ultramontanen und Freidenken den Lagers, 1869. In: *Forschungen über Rätsel der Mannmännlichen Liebe bei Karl Heinrich Ulrich*. Leipzig: Max Spohr.
- Ulrich, K. H. (1998b). Formatrix: Antropologische Studien über umische Liebe, 1865. In: *Forschungen über Rätsel der Mannmännlichen Liebe bei Karl Heinrich Ulrich*. Leipzig: Max Spohr.
- Ulrich, K. H. (1998c). Gladius Furens: Das Naturrätsel der Urningsliebe und er Irrtum als Gesetzgeber. Ein Provokation an den deutschen Juristentag, 1968. In: *Forschungen über Rätsel der Mannmännlichen Liebe bei Karl Heinrich Ulrich*. Leipzig: Max Spohr.
- Ulrich, K. H. (1998d). Inclusa: Antropologische Studien über männliche Geschlechtsliebe, 1864. In: *Forschungen über Rätsel der Mannmännlichen Liebe bei Karl Heinrich Ulrich*. Leipzig: Max Spohr.

Ulrich, K. H. (1998e). Vindex: Social-juristische Studien über Mannmännliche Liebe, 1864. In: *Forschungen über Rätsel der Mannmännlichen Liebe bei Karl Heinrich Ulrich*. Leipzig: Max Spohr.

Ulrich, K. H. (1998f). Vindicta: Kampf für Freiheit von Verfolgung, 1965. In: *Forschungen über Rätsel der Mannmännlichen Liebe bei Karl Heinrich Ulrich*. Leipzig: Max Spohr, 1898.

Ulrich, K. H. (1998g). Araxes: Ruf nach Befreiung der Urningsnatur von Strafrecht, 1870. In: *Forschungen über Rätsel der Mannmännlichen Liebe bei Karl Heinrich Ulrich*. Leipzig: Max Spohr.

Ulrich, K. H. (1998h). *Vier Briefe von Karl Heinrich Ulrich (NumaNumantius) an seine Verwandten*, 1862. (3) 36-70, Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen unter besonderer Berücksichtigung der Homosexualität. Bonn: Guter Gesellschaft.

Weeks, J. (2011). Sins and Diseases: some notes on homosexuality in the nineteenth century. In: *History Workshop Journal*, 1(1), 211–219, <https://doi.org/10.1093/hwj/1.1.211>.

Westphal, K. F. O. (1989). Die conträre Sexualempfindung. Symptom eines neuropathischen (psychopathischen). **Zustandes**. *Archiv für Psychiatrie Und Nervenkrankheiten*, 2(1), 73–108.